

Sob a luz de Jesus Cristo

Catequizados e evangelizados. A busca da completude dos dois sentidos tem sido uma constante na Igreja Católica. Promover a transmissão da fé e os caminhos precisos para a iniciação a vida cristã faz parte do dia-a-dia de cada bispo, padre, catequista e agente de pastoral comprometido com a evangelização. Os bispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB querem levar o assunto para o centro do debate nas comunidades e tratam como urgente a retomada dos trabalhos de evangelização tendo como base as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil, aprovadas pela entidade em 2015.

Para o arcebispo de Mariana, dom Geraldo Lyrio Rocha, que participou dos debates ocorridos durante a Assembleia dos Bispos, em Aparecida (SP), o mundo mudou e a forma de evangelizar também precisa mudar. “Estamos num novo contexto e precisamos encontrar um novo jeito de transmitir a fé às crianças, aos adolescentes aos jovens e aos adultos.”



Para direcionar os trabalhos, a CNBB produziu um documento: “Iniciação cristã: itinerário para formar discípulos missionários” que propõe que todas as

dioceses tenham um projeto próprio de iniciação cristã. O desejo da CNBB é que o novo documento chegue a todas as comunidades eclesiais. **Páginas 6 e 7**

Novo Bento



A comunidade de Bento Rodrigues segue firme na direção de manter seus laços e construir uma vida nova, a partir de uma nova comunidade. No dia 1º de maio foi celebrado a primeira missa no terreno onde será construído o novo distrito. Um momento de glória

em meio a tanto sofrimento que teve início em novembro de 2015 com o rompimento da barragem da Samarco. “A gente sabe que nunca vai ser igual ao outro, mas aqui há a esperança de ficarmos juntos”, disse Andreia Aparecida, ex-moradora de Bento. **Página 4**

Reforma e retrocesso

“A falta de credibilidade e a desconfiança na classe política são cada vez maiores. Sem respaldo popular, o governo federal apega-se como pode ao Congresso Nacional, numa parceria em que saltam aos olhos o fisiologismo e o clientelismo.”

As reformas pretendidas pelo governo, como a trabalhista e da previdência, vão na contramão da garantia de direitos dos trabalhadores e trabalhadoras conquistados com muita luta ao longo de nossa história. A forma truculenta, como são aprovadas, revela a dissonância entre o Congresso Nacional e a maioria da população”. Confira artigo do coordenador de pastoral. **Página 4**

Você sabe o que é pós-verdade? Conceito novo entre os comunicadores, antropólogos, sociólogos e especialistas dos relacionamentos humanos, a chamada pós-verdade é tudo aquilo que diz respeito a circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos importância do que as crenças pessoais. É isso mesmo. Algo como uma mentira que nos agrada. “A palavra é usada por quem avalia que a verdade está perdendo importância no debate político. Por exemplo: o boato amplamente divulgado de que o Papa Francisco apoiava a candidatura de Donald Trump não vale menos do que as fontes confiáveis que negaram esta história”, explica o professor Casper Grathwohl, da universidade de Oxford. O apoio do Papa Francisco a Trump era mentira, mas como muitos eleitores de Trump gostariam que fosse verdade, a notícia funcionou como um afago e ninguém mais conseguiu desmentir totalmente o fato.

Se unirmos a pós-verdade à ampliação sem limites que a comunicação ganhou com as novas mídias, podemos dizer que vivemos em um mundo de “faz de conta”. Nós, humanos, temos por natureza a atitude primeira de acreditar no que as pessoas, jornais, blogs, “faces”, “Zaps” nos dizem no dia-a-dia. Nós, cristãos e cristãs, temos ainda mais talento para crer na verdade. Fomos criados como seres de fé. Somos crédulos e a dúvida (que anda de mãos dadas com a curiosidade) nunca foi uma companheira muito próxima. Um sentimento que não fazemos questão de carregar e regar diariamente no nosso mundo cristão. Na nossa catequese, somos ensinados a acreditar, a crer com a cabeça e com o coração. Se juntarmos então o excesso de mentiras difundidas no mundo das comunicações à nossa disposição intrínseca em acreditar, ampliamos o tamanho do “faz de conta” em que vivemos.

O que fazer então? A resposta está na boa notícia que é Jesus Cristo. Como diz o Papa Francisco em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, os “óculos adequados” para decifrar a realidade só podem ser os da boa notícia. Boa notícia que é o próprio Jesus. “Esta boa notícia, que é o próprio Jesus, não se diz boa porque nela não se encontra sofrimento, mas porque o próprio sofrimento é vivido num quadro mais amplo, como parte integrante do seu amor ao Pai e à humanidade.” Jesus Cristo, envolto a toda a fé que temos, é a luz que ilumina a nossa leitura de mundo. Ele é nossa lâmpada, vela, lamparina para os momentos de leitura de tudo que nos cerca e também, talvez hoje principalmente, das notícias que recebemos diariamente em nossos celulares, tvs, jornais, computadores e claro, da boca do vizinho, parente, amigo.

No dia 28 de maio, comemora-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Que a nossa fé nos permita caminhar na luz de Cristo e, como diz o Papa Francisco, “Quem, com fé, se deixa guiar pelo Espírito Santo, torna-se capaz de discernir em cada evento o que acontece entre Deus e a humanidade (...) conduzidos pela Boa Notícia no meio do drama da história, tornando-se como que faróis na escuridão deste mundo, que iluminam a rota e abrem novas sendas de confiança e esperança.” Que o Jornal Pastoral seja produto desta caminhada, guiado pela Boa Notícia.



Ano Mariano II

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Estamos celebrando no Brasil, o Ano Mariano por ocasião do tricentenário do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Esse evento nos oferece a oportunidade para aprofundar nossa devoção a Maria e vivenciá-la de forma autêntica. Para isso, muito nos ajudam as sábias orientações do Beato Paulo VI, em sua Exortação Apostólica Marialis Cultus para a reta ordenação e o desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria.

No culto mariano, além das solenidades litúrgicas (Imaculada Conceição, Anunciação do Senhor, Maternidade Divina e Assunção de Maria), devem ser consideradas também as celebrações que comemoram outros eventos “salvíficos”, em que a Virgem Maria está intimamente associada ao seu divino Filho. Assim, por exemplo, a festa da Apresentação do Senhor, que se celebra no dia 2 de fevereiro, que evoca a memória, ao mesmo tempo, do Filho e da Mãe, isto é, a celebração de um mistério da Salvação operado por Cristo, em que a Virgem Santíssima está intimamente unida a ele (cf. MaC 7). Aliás, em muitos lugares, é preciso recuperar o sentido dessa festa e celebrá-la de acordo com o que é proposto no Missal Romano, inclusive com a bênção e a procissão das velas. Essa celebração tem profundo significado litúrgico e é muito estimada pela piedade popular.

Há ainda outras festas marianas que merecem o devido destaque em nossas celebrações: a Natividade de Maria (8 de setembro), a Visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel (31 de maio), a memória de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro) aqui celebrada com o título de Nossa Senhora da Piedade, Padroeira do Estado de Minas Gerais.

O Papa Paulo VI recorda ainda outras memórias ou festas marianas que têm muita relevância na devoção popular, tais como: Nossa Senhora de

Lourdes (11 de fevereiro), Imaculado Coração de Maria (sábado após o segundo Domingo depois de Pentecostes), Nossa Senhora do Carmo (16 de julho), Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior, em Roma (5 de agosto), Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro), Apresentação de Nossa Senhora (21 de novembro), bem como outras originariamente celebradas por Ordens e Congregações religiosas, mas que hoje em dia, dada a difusão que obtiveram, podem dizer-se verdadeiramente eclesiais (cf. MaC 8) e outras ligadas aos títulos de Nossa Senhora invocada como padroeira de paróquias, comunidades, basílicas e santuários. Na Arquidiocese de Mariana, quarenta e quatro paróquias e quase paróquias têm a Santíssima Virgem como padroeira com os títulos de Nossa Senhora Aparecida (1), da Assunção (2), da Boa Viagem (1) da Conceição (11), da Glória (2), da Luz (1), da Oliveira (1), da Penha (1), da Piedade (3), da Saúde (1), das Brotas (1), das Dores (3), das Graças (1), das Mercês (1), de Fátima (1), de Lourdes (1), de Nazaré (2), do Amparo (1), do Bom Sucesso (1), do Desterro (1), do Livramento (1), do Pilar (1), do Rosário (3), do Rosário de Fátima (1), dos Remédios (1) e Mãe da Igreja (1).

Não se deve esquecer também a devoção popular que costuma dedicar o sábado a Nossa Senhora o que, aliás, é respaldado pelo Missal Romano e a Liturgia das Horas com belos textos marianos para a celebração dessa memória litúrgica da Virgem Maria (cf. MaC 9).

Para enriquecer o culto mariano no Brasil, a CNBB reeditou a coletânea de Missas da Bem-aventurada Virgem Maria, com quarenta e seis formulários e o lecionário correspondente. É de se esperar que em nossa Arquidiocese, Mariana até no nome, essa riqueza possa chegar às nossas comunidades, como um dos preciosos frutos do Ano Mariano que estamos celebrando.

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas, Agência: 1701 - Conta: 583-3
Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: **R\$ 25,00** anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG
Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.
Tel.: (31) 3557 3167
Email: jornalpastoral@yahoo.com.br
Diretor: Pe. Wander Torres Costa
Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP
Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.
Dacom: Jornalista - Bruna Sudário
Diagramação: Gabriela Santos
Colaboração: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 - São José; CEP 35420-000 - Mariana - MG. Fone: (31) 3557-1233
Tiragem: 2.000 exemplares.



PASTORAL: A reforma da Previdência passa ou não passa?

BEATRIZ CERQUEIRA: Eu acho que se os deputados federais ouvirem o povo e entenderem o conteúdo da reforma, ela não passa. Hoje, a maioria da população brasileira compreendeu o que é a reforma e é contra a reforma da Previdência. A nossa expectativa é que os deputados se sintam pressionados pela população e votem contra quando ela for a voto no plenário da Câmara dos Deputados.

PASTORAL: Qual a real intenção do governo com tantas reformas?

BEATRIZ CERQUEIRA: O Michel Temer se tornou presidente para fazer o que está fazendo. A retirada da presidenta Dilma não teve nada a ver com pedaladas e sim, com a implantação de outro projeto de país. O Michel Temer se tornou presidente exatamente porque ele se comprometeu a implementar este projeto de país. Está em disputa hoje, na sociedade brasileira, qual o Estado Brasileiro teremos nas próximas décadas. Será um Estado que garantirá recursos e investimentos nas áreas sociais como educação, saúde, moradia, previdência, seguridade social ou será um país que sairá da vida do cidadão, investirá cada vez menos nas áreas sociais, se tornando um estado mínimo e cuidando apenas para que o orçamento público se destine ao objetivo de poucos brasileiros? É isso que está em disputa. Por isso estamos enfrentando ao mesmo tempo três reformas: a reforma da Previdência, a Trabalhista e a terceirização, além de termos perdido, no ano passado, a votação da PEC 241 que foi a que congelou todos os investimentos por vinte anos. As únicas coisas que não ficaram congeladas na PEC 241 foram o pagamento da dívida pública e o pagamento dos juros. Tudo mais foi congelado por vinte anos.

Este governo é o que é para fazer o que está fazendo. Construir um novo Estado Brasileiro para as próximas gerações, através das reformas e através da privatização das empresas públicas. A Petrobrás está sendo fatiada, o que não se faz em nenhum lugar do mundo. Você não vê nenhum país vender a preços irrisórios recursos

Mobilização social: único antídoto contras as reformas

O jornal Pastoral de maio volta a um assunto de primeira ordem: a reforma da Previdência. Na edição passada debatemos sobre aspectos da reforma e como ela pode mudar a vida dos brasileiros. Para ampliar o debate, o Pastoral ouviu a presidente da Central Única dos Trabalhadores de Minas Gerais – CUT/MG, Beatriz Cerqueira. Com ela, abordamos questões ligadas à mobilização social e seus efeitos, além de aprofundar no entendimento político dos motivos que levaram o governo a propor tantas reformas e o que elas representam para o povo, principalmente aquele mais pobre e desamparado.

naturais como o Brasil está fazendo com o petróleo e pretende fazer com suas terras, pois é proposta do Michel Temer abrir as terras brasileiras para empresas estrangeiras. É isso que está em jogo e é isso que esse governo representa: os interesses de uma elite que quer ganhar mais e quer ganhar por meio da retirada de direitos e da remodelação de um novo Estado Brasileiro.

PASTORAL: A CPI da Previdência proposta pelo senador Paulo Paim pode ajudar neste combate e o que as centrais sindicais têm feito para ajudar neste sentido?

BEATRIZ CERQUEIRA: Todas as iniciativas do Congresso Nacional que visam tentar impedir a aprovação da reforma da Previdência têm

“**Está em disputa hoje, na sociedade brasileira, qual o Estado Brasileiro teremos nas próximas décadas.**”

o nosso apoio e a nossa participação. Só que isso não será suficiente. O Congresso Nacional já se mostrou, na maioria dos seus deputados e senadores, que votam de acordo com seus interesses privados. A única forma que nós temos de impedir a votação da reforma da Previdência na Câmara e aprovação da reforma Trabalhista no Senado é fazer um movimento de fora para dentro. A sociedade pressionando o Congresso para que ele não vote a favor destas medidas.

PASTORAL: O que a reforma da Previdência tem de pior?

BEATRIZ CERQUEIRA: Esta é uma pergunta muito difícil, pois não é fácil eleger o que a reforma tem de pior. A questão é que ela promove um

desmonte da seguridade social. De tudo, é desmontar o sistema de assistência social, pois isso é muito perverso. Você está afetando a parcela mais pobre e vulnerável da população brasileira com os critérios mínimos que originalmente o governo propôs que são vinte e cinco anos de contribuição e 65 anos de idade. O trabalhador brasileiro não alcança isso, pois ele não tem estabilidade no emprego, seja na área urbana ou rural. Ele não vai encontrar condições de acumular os 25 anos de contribuição além dos 65 anos de idade para se aposentar. Esta é a estrutura da reforma, que passa por atacar os mais pobres e por estabelecer uma regra que os brasileiros não conseguirão alcançar.

PASTORAL: A população já está bem informada sobre tudo isso?

BEATRIZ CERQUEIRA: Em relação à reforma da Previdência, sinto que, na sociedade, o governo perdeu o debate. A população, se não tem a clareza de todo o projeto, tem a clareza de alguma coisa e sabe que é uma PEC que vai prejudicar a sua vida. Acho que a maioria da população compreende que esta é uma reforma que retira direitos.

Quais os próximos passos para conter a reforma da Previdência?

BEATRIZ CERQUEIRA: As centrais sindicais estão agendando novos atos quando o governo colocar em votação a PEC no plenário da Câmara dos Deputados. Uma ação muito importante, com a qual continuamos, é a pressão junto aos deputados federais mineiros para que eles votem contra a reforma. Um aspecto importante da mobilização agora é debater sobre a reforma Trabalhista. A votação foi rápida e não houve debate na sociedade. As pessoas não compreenderam que a CLT foi rasgada e que sua carteira de trabalho passa a não valer nada e que a perspectiva é que o empresário e o patrão sejam protegidos pelo Estado em detrimento do trabalhador que sequer vai poder recorrer à Justiça do Trabalho. Este é um desafio. É preciso falar sobre a reforma Trabalhista e os impactos dela na sociedade.

Primeira missa é celebrada no novo terreno de Bento Rodrigues



A comunidade de Bento Rodrigues participou, no dia 1º de maio, da primeira missa no terreno conhecido como Lavouira, onde será construído o novo distrito. A celebração, que aconteceu no dia em que se celebra o padroeiro dos trabalhadores, São José Operário, pediu a intercessão do santo nos trabalhos que ainda serão iniciados.

O encontro aconteceu em um espaço coberto por uma tenda, onde estavam reunidas as famílias de Bento Rodrigues, além de agentes de pastorais e movimentos de outras comunidades. “Foi um dia histórico para Mariana, especialmente para a comunidade de Bento Rodrigues. Abençoamos a cruz, que ali permanecerá edificada como sinal de vitória. No final da celebração, encerramos com a partilha do feijão-tropeiro com arroz, animados pela música ao vivo de Zezinho e Irene. Um detalhe especial foi a participação dos irmãos evangélicos, animando junto com o coral da celebração”, conta padre Geraldo Barbosa, que presidiu a missa.

Para Expedito Lucas da Silva, ex-morador de Bento Rodrigues, o encontro foi o segundo dia mais feliz depois da tragédia do dia 5 de novembro de 2015. “Estar neste terreno deu liber-

dade, no local nos sentimos em casa”. Segundo ele, o primeiro dia em que os ex-moradores se sentiram dessa forma foi em 7 de maio de 2016, quando 206 votos decidiram pelo terreno Lavouira de 89 hectares, da empresa ArcelorMittal, que fica a cerca de nove quilômetros do distrito destruído.

Durante o ato cívico, realizado antes da missa, o prefeito de Mariana, Duarte Júnior, reafirmou a necessidade de dar voz aos atingidos pela barragem. O presidente da associação dos moradores, José do Nascimento, conhecido como Zezinho do Bento, Letícia Oliveira do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e Antônio Pereira Gonçalves, da comissão e liderança da comunidade também falaram. O engenheiro da Cáritas, Felipe Cardoso Vale Pires, apresentou o mapa do projeto com características semelhantes ao distrito de Bento Rodrigues original.

Andreia Aparecida Sales, ex-moradora de Bento, diz que o encontro ajudou a aumentar a expectativa. “Pra gente é uma esperança de ficarmos todos juntos. A gente sabe que nunca vai ser igual o outro, mas vamos voltar a ficar mais próximos um do outro porque em Mariana estamos muito longe”, afirma.

Cidades da arquidiocese se manifestam contra as reformas

Em várias cidades da Arquidiocese foram realizados atos em adesão à greve geral promovida no dia 28 de abril, por centrais sindicais e movimentos sociais em todo o país. A greve geral é contra as reformas Trabalhista e da Previdência que tramitam no Congresso Nacional, além de criticar a Lei da Terceirização. O movimento teve adesão de diversas categorias profissionais, que realizaram assembleias e decidiram pela paralisação em várias cidades do país.

Em Mariana, padre Lúcio Marques, apresentou vários dados de dívidas das grandes empresas e questionou onde estão os verdadeiros problemas. Para o padre Geraldo Barbosa toda a mobilização foi importante. “Hoje foi um dia de conscientização, de ajudar a despertar as pessoas. De esperança ao ver a nossa Igreja envolvida. Na semana em que começou a assembleia dos bispos, em Aparecida, eles também reforçaram essa preocupação com o povo”, disse.

Região Norte

Mesmo com a chuva, a Praça Minas, em Mariana, ficou repleta de pessoas para o ato contra as reformas. Representantes de movimentos sociais, sindicatos, professores, estudantes e moradores saíram pelas ruas com faixas, cartazes e gritos de ordem.



Região Leste

Na Região Pastoral Mariana Leste o povo também foi às ruas. Em Ponte Nova centenas de pessoas se reuniram na Praça de Palmeiras e em seguida saíram em caminhada pelas ruas do bairro até a porta do escritório do INSS.

Em Viçosa cerca de 1.000 pessoas participaram do ato. Além da caminhada pelas ruas da cidade as entradas da Universidade Federal de Viçosa ficaram fechadas por 3h.

Região Sul

Na cidade de Barbacena, a manifestação teve início na BR-040, no Km 701, onde a passagem dos veículos foi bloqueada. Cerca de 2.000 pessoas participaram de uma caminhada no centro da cidade.

Região Centro

Em Piranga, na Região Pastoral Mariana Centro, professores organizaram o ato contra as reformas. Após a caminhada pelas ruas da cidade foi realizada uma palestra no salão do sindicato.

Região Oeste

O km 602 da BR-040 em Congonhas, na Região Pastoral Mariana Oeste, ficou fechada nas primeiras horas do dia. No centro da cidade, centenas de pessoas também ocuparam as ruas. Representantes de sindicatos e servidores públicos estaduais e lideranças religiosas compareceram ao ato público.

LAFAIETE AGORA

O Brasil, as reformas e a Igreja

A palavra crise tornou-se comum para os brasileiros. Ela é política, econômica e social. Suas raízes são muitas e profundas. A maior delas, sem dúvida, é de ordem antropológica porque reflete a concepção de pessoa humana que subjaz nas ações que tornam a crise aguda com nefastas consequências na vida dos cidadãos.

A falta de credibilidade e a desconfiança na classe política são cada vez maiores. Sem respaldo popular, o governo federal apegar-se como pode ao Congresso Nacional, numa parceria em que saltam aos olhos o fisiologismo e o clientelismo. Velhas figuras voltam ao cenário, com voz de decisão, a serviço de um projeto em que prevalece o poder econômico. Atender aos interesses do mercado é mais importante. Nesse caso, ficam sacrificados a dignidade e os direitos da pessoa humana.

Nesse projeto, os pobres e excluídos são descartáveis como ocorre com os indígenas que

veem seus direitos constitucionais ameaçados. O ataque ao povo Gamela, em Viana, no Maranhão, no dia 30 de abril, é uma prova de como o índio é considerado, por muitos, no Brasil. A forma como a polícia reprimiu as manifestações indígenas em Brasília (DF), em abril e a sistemática ofensiva contra suas reivindicações são sinais inequívocos de que, nesse governo, os indígenas e, por extensão, outros povos originários como os quilombolas, não têm vez.

A violência no campo também é preocupante. A chacina que matou nove trabalhadores rurais em Colniza, no Mato Grosso, dia 20 de abril, é sintoma de que os conflitos por terra estão longe de cessar. Não se vê, também nessa área, ação do governo que garanta segurança a quem luta por um pedaço de terra. O poder do latifúndio continua forte e atuante.

As reformas pretendidas pelo governo, como a trabalhista e da previdência, vão na contramão da garantia de direitos dos trabalhadores e traba-

lhadoras conquistados com muita luta ao longo de nossa história. A forma truculenta, como são aprovadas, revela a dissonância entre Congresso Nacional e a maioria da população. Mais uma vez, os pobres e excluídos pagarão a conta. Outras reformas, como a tributária e política, estão na mira do governo. O andar da carruagem aponta batalhas difíceis diante da cumplicidade entre governo e Congresso Nacional na implantação de um projeto totalmente submisso ao capital.

A Igreja, percebendo os rumos dessas reformas e suas consequências na vida da população, sobretudo, da que se encontra em situação vulnerável, mostra sua voz profética dizendo não a toda e qualquer reforma que diminua direitos. Na sua missão evangelizadora, cabe-lhe somar-se aos que são ameaçados em seus direitos e, no diálogo, ajudar na busca de soluções para superação desse grave momento pelo qual passa o Brasil.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

A luta que vem da fé

Romaria dos trabalhadores e trabalhadoras denuncia retrocesso com reformas trabalhista e previdenciária



FOTOS: BRUNA SUDÁRIO

Alimentando a fé e a luta do povo, a XXVII Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras reuniu, no dia 1º de maio, mais de 2000 pessoas em Urucânia, Região Pastoral Mariana Leste. A caminhada, que acontece há 27 anos no Dia dos Trabalhadores, teve como tema “Trabalhadores e Trabalhadoras em defesa da vida. Organizar o povo para salvar o Brasil”.

O desemprego e as reformas em curso no país, de modo especial, as reformas trabalhista e previdenciária, foram alguns dos pontos de reflexão da Romaria. “É a organização que nos leva a conseguir aquilo que desejamos, como dignidade e vida para todo o povo. Queremos refletir, nesta romaria, sobre a realidade triste do desemprego e sobre este pacote de maldade de reformas do atual governo, voltado para a economia, para o capital e contra os trabalhadores e as trabalhadoras. É o conjunto de medidas

que tira direitos e conquistas sociais, trazendo mais exclusão social”, disse o coordenador da Dimensão Sociopolítica da Arquidiocese, padre Marcelo Santiago.

Padre Marcelo ressaltou, também, que a Romaria envolve os grupos eclesiais, as entidades, as associações e os movimentos sociais da arquidiocese. “Este é um espaço de formação popular, um espaço que alimenta as nossas lutas por vida e dignidade, para o trabalhador e para a trabalhadora”, acrescentou.

Segundo Maria José, da Comissão Arquidiocesana de Articulação da Pastoral Afro Brasileira, a Romaria mostra que a Igreja, particularmente a Arquidiocese de Mariana, tem um posicionamento firme e consciente em defesa dos trabalhadores e trabalhadoras. “Precisamos garantir que o trabalho seja instrumento de dignidade e não de exploração da pessoa. Por isso, precisamos unir forças e organizar o

povo para conquistar uma sociedade sem explorados e sem exploradores, onde haja justiça e igualdade de direitos”, explicou.

Após a caminhada pelas ruas da cidade, houve missa no Santuário Nossa Senhora das Graças, presidida pelo padre Marcelo. O vigário episcopal da Região Leste, cônego Lauro Versiani, leu a carta da CNBB aos trabalhadores de todo o Brasil.

Padre Dário Chaves, anfitrião da Romaria, agradeceu a presença de todos os romeiros, dos padres “e de todos os envolvidos, que colocaram os seus dons a serviço da Romaria”.

Comunicado às comunidades

Por ocasião da Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras, a Dimensão Sociopolítica enviou um comunicado a todas as paróquias da arquidiocese reforçando que a Igreja particular de Mariana, com esta iniciativa, reafirma seu compromisso com a vida humana e a vida no planeta, em todas as suas expressões e dimensões, a começar dos mais empobrecidos e excluídos.

A mensagem convida os grupos eclesiais e as comunidades a valorizar, localmente, as iniciativas de conscientização e mobilização pacífica em defesa dos direitos e conquistas sociais.

GIRO RÁPIDO

IAM

A Região Pastoral Mariana Sul acolheu, nos dias 28 e 29 de abril, o Encontro de Líderes Missionários Infantis. Promovido pela Infância e Adolescência Missionária (IAM) da Arquidiocese, o evento foi realizado no Colégio Imaculada, em Barbacena, contou com 100 participantes. Trabalhando a história, o carisma, a espiritualidade e a metodologia da IAM, o encontro teve como objetivo preparar as crianças para assumirem a coordenação dos grupos da IAM.

PAE 2016-2020

Lançado oficialmente nas paróquias no começo de abril, o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020) começou a ser estudado pelas regiões pastorais. Com o objetivo de criar uma equipe treinada para apresentar e motivar a aplicação do PAE nas paróquias, as formações com os representantes das foranias acontecerão durante o primeiro semestre de 2017.

A Região Norte foi a primeira a estudar o documento, no dia 22 de abril. A formação reuniu representantes das três foranias da Região (Ouro Preto, Mariana e Santa Bárbara) e foi dirigido pelo padre Geraldo Martins, coordenador arquidiocesano de pastoral e por Magda de Fátima Gontijo de Godoy, de Ouro Preto, no Centro Pastoral, em Mariana. A Região Sul será a próxima a receber a formação no dia 6 de maio.

Novena de Pentecostes

Entre os dias 26 de maio a 3 de junho será realizada nas comunidades da Arquidiocese a “Novena de Pentecostes pela Unidade dos Cristãos”. A edição deste ano tem como tema “Reconciliação: é o amor de Cristo que nos move (2Cor 5, 14-20)”.

O livro, que está sendo vendido pela Editora Dom Viçoso, propõe uma oração de introdução para todos os dias, além de reflexões para cada dia da novena. Os interessados devem encomendar a novena na Editora Dom Viçoso, pelo telefone (31)3557-1233 ou (31)3557-4538.

Pastoral do Menor

Refletindo sobre o tema “A Pastoral do Menor clama por Justiça e Misericórdia” e lema “Bem aventurados são aqueles que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”, a Pastoral do Menor da Região Mariana Norte, realizou sua Assembleia, no dia 29 de abril, na paróquia de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto.

Cerca de 30 pessoas participaram da assembleia, onde foram apresentados os clamores que brotam da realidade das crianças e adolescentes e foram discutidas e aprovadas as prioridades da Região para o próximo triênio.

Romaria das Águas e da Terra

As dioceses da bacia do Rio Doce vão promover no, 4 de junho, a 2ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce. A edição deste ano será na diocese de Caratinga com o tema “Bacia do Rio Doce, nossa Casa Comum” e lema “Povos, terras e águas clamam por justiça”.

O evento terá início na parte da manhã, no Santuário de Adoração, em Caratinga, e o encerramento será à tarde, na porta da Catedral. A Romaria das Águas é realizada em parceria com a Cáritas da diocese de Caratinga, a Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana e o Fórum Permanente de Defesa da Bacia do Rio Doce.

Novos caminhos para a transmissão da fé

Igreja no Brasil busca retomada vigorosa da Iniciação à Vida Cristã com aprovação, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de novo documento em sua 55ª Assembleia Geral



FOTOS: CNBB

O quantitativo sempre foi um critério usado pela Igreja para avaliar sua presença na sociedade. Fruto da chamada “era da cristandade”, a força da Igreja era medida pelo número dos que se diziam católicos. Assim, ao final do ano, os párocos enviavam às cúrias diocesanas relatórios com o número das crianças batizadas e das que receberam a primeira eucaristia, bem como o número dos jovens crismados e dos casamentos assistidos.

Esse talvez tenha sido, durante muito tempo, um critério fundamental para dizer se a evangelização ia bem ou não em determinada paróquia ou diocese. A ênfase, portanto, estava na sacramentalização que tinha, na catequese doutrinária, sua base mais sólida.

Se esse critério respondeu a uma época, há tempos não responde mais. Um olhar retrospectivo da história mostra que os católicos, em sua grande maioria, podem ter sido catequizados (doutrinados), mas pouco evangelizados. Trata-se dos “batizados não suficientemente catequizados”, conforme afirmaram os bispos da América Latina e Caribe, na Conferência de Aparecida, em 2007.

Os que se encontram nessa condição constituem-se, segundo os bispos, numa alta porcentagem de católicos “sem consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com uma identidade cristã fraca e vulnerável”. Mostram-se inseguros na fé, sem verdadeira adesão a Jesus Cristo que os identifique como seus discípulos-missionários, membros da comunidade cristã.

Preocupada com esse cenário, a Igreja no Brasil vem discutindo novos caminhos para a transmissão da fé, que vão além de uma catequese que prepara para a recepção dos sacramentos. A proposta, que vem de longe, é preparar a pessoa para a viver a fé e dela dar testemunho na comunidade eclesial. O caminho, segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é a retomada, com vigor, da Iniciação à Vida Cristã, uma das urgências na evangelização de acordo com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da

Igreja no Brasil, aprovadas em 2015.

A 55ª Assembleia Geral, realizada em Aparecida (SP), de 26 de abril a 5 de maio deste ano, ocupou-se, prioritariamente, desse tema. Uma comissão presidida pelo arcebispo de Curitiba (PR), dom Antônio Peruzzo, produziu um texto que foi estudado e debatido por mais de 300 bispos que o aprovaram ao final de dez dias do encontro.

Por que a CNBB discutiu esse tema?

Segundo o secretário geral da CNBB, dom Leonardo Ulrich Steiner, a escolha desse tema para a assembleia dos bispos representa o esforço em cumprir o que as diretrizes para evangelização da Igreja no Brasil propuseram que são as urgências na evangelização, entre as quais está a iniciação à vida cristã. “É um esforço de ajudar a nós mesmos – bispos, padres, diáconos religiosos/as – a nos inserirmos cada vez mais em Jesus Cristo e nos deixarmos revestir dele”, explica o secretário geral, que é também bispo auxiliar de Brasília (DF).

Dom Leonardo explica que a Igreja precisa mudar o modo de sua catequese e de iniciar as pessoas na fé, mas adverte que isso não é tarefa fácil. “Acostumamos a dar aula de religião, mesmo que chamemos de catequese ou de preparação para a primeira eucaristia. A iniciação à vida cristã não é uma aula, mas um encontro com a pessoa de Jesus, com sua mensagem, com sua obra, com o reino de Deus”, esclarece dom Leonardo. “Quem está iniciando sua vida como cristão precisa fazer o itinerário da vida cristã”, acrescenta.

Para o secretário da CNBB quem for bem iniciado à vida cristã não terá motivos para abandonar a fé ou a Igreja. “Se eu sei dizer por que sou católico, significa que tenho uma experiência cristã, de vida de comunidade, de misericórdia, de caridade. Significa que sou uma pessoa profundamente ligada à comunidade”, disse. “Quem está profundamente inserido na comunidade e consegue dar a razão da fé, não vai abandonar a Igreja, não sente necessidade de buscar outro espaço religioso para dar sentido à sua existência”, ressalta.

O documento: referência para as comunidades

O novo documento da CNBB, intitulado “Iniciação cristã: itinerário para formar discípulos missionários”, possui uma estrutura simples. São quatro capítulos, precedidos de uma breve introdução e, ao final, uma conclusão. Com quase 250 parágrafos, o texto é construído a partir do clássico método ver, julgar e agir. A passagem bíblica do encontro de Jesus com a Samaritana (Jo 4,5-42) foi escolhida como inspiração do documento e vem explicada logo no primeiro capítulo.

O segundo capítulo faz um resgate histórico da iniciação cristã na vida da Igreja e revela que existem muitas iniciativas no resgate desta prática. Já o capi-



tulo terceiro apresenta a iniciação cristã como aquela que articula as outras quatro urgências na evangelização definidas pela CNBB. Além disso, aprofunda o sentido da iniciação cristã, mostrando suas dimensões teológicas e o processo de sua aplicação na comunidade. As propostas para concretizar a iniciação cristã aparecem no capítulo terceiro. Uma das primeiras exigências indicadas no documento é que as dioceses tenham um projeto de iniciação cristã.

Para o arcebispo de Mariana, dom Geraldo Lyrio Rocha, o eixo para compreensão do documento é a mudança de época que já não comporta mais uma evangelização nos moldes do tempo da cristandade em que se era cristão por tradição. “Nós não estamos mais num regime de cristandade, que perdurou até muito recentemente, onde a própria família era transmissora da fé e dos valores cristãos e a sociedade, no seu conjunto, facilitava isso: a escola, a convivência social, o poder público, a legislação. Isso tudo acabou”, explica dom Geraldo. “Estamos num novo contexto e precisamos encontrar um novo jeito de transmitir a fé às crianças, aos adolescentes aos jovens e aos adultos e facilitar para que essas pessoas se inseriram na comunidade eclesial, a partir de seu encontro com Jesus Cristo, aderindo a ele na fé”, esclarece.

A iniciação cristã na Arquidiocese de Mariana

Que impacto o novo documento da CNBB terá na Arquidiocese de Mariana? “Graças a Deus, não estamos na estaca zero”, responde dom Geraldo, lembrando

que “muitos passos já foram dados na Arquidiocese de Mariana” em relação à iniciação cristã. Um desses passos foi um encontro de presbíteros e diáconos que tratou desta questão, com a assessoria do padre Luiz Alves de Lima, doutor em Teologia Pastoral Catequética e um dos membros da comissão de redação do novo documento aprovado na 55ª Assembleia da CNBB.

“Há uma sensibilidade (para a iniciação cristã) já muito difundida no clero de Mariana. Nosso projeto de catequese vem nos levando a isso. Uma catequese de inspiração catecumenal”, comenta dom Geraldo. Para o arcebispo, o projeto de catequese da Arquidiocese precisa ser mais conhecido e mais valorizado. “Há outras dioceses no Brasil que estão adotando o material da Arquidiocese de Mariana por reconhecer seu valor e que está muito em sintonia com o que estamos propondo no documento aprovado pela CNBB”, disse.

Dom Geraldo destaca que o processo da iniciação cristã acontece não apenas na catequese como está estruturada na Arquidiocese, mas num processo mais amplo que se traduz no esforço pastoral que tem sido feito de ir ao encontro dos afastados. “Muitos se afastaram por falta de uma clareza maior da fé, de uma experiência mais forte de encontro com Jesus Cristo, de uma participação mais viva na comunidade eclesial. Nosso Projeto Arquidiocesano de Evangelização apontou muito nessa direção, em sintonia com a proposta do papa Francisco de uma Igreja em saída, indo ao encontro dos afastados”, ressalta.

Nos veículos de Auto-escola está escrito: “aprendiz”. É um aviso aos motoristas habilitados: cooperem, paciência, alguém está aprendendo. Todo iniciante precisa da ajuda de alguém iniciado. Na catequese de Iniciação à Vida Cristã (IVC), chamamos de introdutor. O introdutor é como um padrinho ou uma madrinha que acompanha o catecúmeno e o introduz no Mistério de Deus (Mistagogia). (A Alegria do Evangelho – AE, 166).

O despertar da Igreja para a volta à IVC é um grande sinal de avanço das comunidades. É mais uma conquista do Vaticano II, que inspirou a “catequese Renovada” (CNBB - 1983), as Semanas Nacionais de Catequese, o Catecismo da Igreja Católica, o Ritual de Iniciação Cristã para Adultos (RICA), etc.

Comemorando os dez anos do Vaticano II, o Papa Paulo VI publicou, em 1975, a Exortação Apostólica Evangelização no Mundo Contemporâneo. Aí ele insiste em uma nova evangelização. Evangelização e catequese se completam. Uma nova evangelização supõe uma nova catequese. Em 2012, o Sinodo dos Bispos nos brindou com “A Nova Evangelização para Transmissão da Fé Cristã”.

Esta é a hora de Deus. Pelo Brasil a fora está crescendo a consciência da necessidade de uma renovação profunda da Igreja, a partir das comunidades que são a base onde se encontra a pedra fundamental: Jesus de Nazaré (cf. 1Pd 2,5).

O Papa Francisco disse que prefere uma Igreja enlameada, por sair pelas estradas, a uma Igreja doente por causa do comodismo (cf. AE, 49). Com certeza o Papa não quer uma Igreja atolada na lama da mesmice, do triunfalismo (cf. AE, 234). Está difícil esta Igreja mostrar que é mais santa que pecadora! Tem razão a pessoa que disse que “o mundo caminha à velocidade de Fórmula 1 e a Igreja, à velocidade de tartaruga”. Entra ano e sai ano e alguns setores da Igreja continuam caducos. Por que não percebemos que já é hora de despertarmos (cf. Rm 13,11)? Por que não percebemos que tantos católicos são mais igrejeiros do que cristãos? Olha que foi o Papa Francisco quem disse que “alguém pode nascer na Igreja, ser batizado na Igreja, crescer na Igreja, morrer na Igreja e acordar no inferno, se não seguir Jesus Cristo”.

Chegou a hora de as lideranças da Igreja abrirem os olhos. Também e, principalmente, os/as leigos que estão na base desta Igreja. “A nova evangelização incentiva todo batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível de uma vida reconciliada” (cf. AE, 239).

Por falta de evangelização e catequese acontece o contrário. Dom Sebastião, bispo de Coroa - MA, contou, numa homilia de uma celebração de batismo, que, certa vez, ele batizou um rapaz. Um ano depois, voltou àquela comunidade e, na missa, perguntou pelo rapaz que ele havia batizado no ano anterior. Só disseram que ele não estava na igreja. Mas, após a missa, alguém foi dizer ao bispo que na semana seguinte do seu batismo ele assassinou um vizinho e estava preso. O Papa Francisco escreveu que “cada pessoa batizada é um sujeito ativo de evangelização” (AE,120). Pena que estamos longe desse ideal! Certa vez perguntei a um rapaz .que hoje pertence a uma Igreja pentecostal: “Você frequentava a Igreja católica?” Ao que ele respondeu: “fui batizado na Igreja católica e fiz a primeira comunhão. Depois só ia à igreja nas festas, para namorar...”

Graças a Deus que temos muitos sinais de esperança. Muitas dioceses estão priorizando uma catequese catecumenal. Em todos os 18 Regionais da CNBB há um grande empenho para fazer da comunidade, da Paróquia e da Arquidiocese uma Igreja em estado permanente de Missão. É assim que está acontecendo no Regional NE 5 da CNBB, o estado do Maranhão.

O grave momento nacional

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publica nota oficial em que denuncia os graves problemas pelos quais passam o país e convoca a todos para o debate em busca de soluções que permitam a sociedade lutar na defesa de seus direitos.

O episcopado brasileiro, reunido em sua 55ª Assembleia Geral, em Aparecida (SP), emitiu Nota Oficial sobre o momento que o Brasil atravessa nos últimos tempos. Na véspera do encerramento do encontro anual dos bispos, que terminou no dia 5 de maio, a presidência da CNBB fez um balanço dos trabalhos e leu a Nota para jornalistas.

A Nota destaca que o Brasil é “um País perplexo diante de agentes públicos e privados que ignoram a ética e abrem mão dos princípios morais, base indispensável de uma nação que se queira justa e fraterna”. No texto, os bispos advertem: “Urge retomar o caminho da ética como condição indispensável para que o Brasil reconstrua seu tecido social. Só assim a sociedade terá condições de lutar contra seus males mais evidentes: violência contra a pessoa e a vida, contra a família, tráfico de drogas e outros negócios ilícitos, excessos no uso da força policial, corrupção, sonegação fiscal, malversação dos bens públicos, abuso do poder econômico e político, poder discricionário dos meios de comunicação social, crimes ambientais”.

A CNBB também alerta para uma das principais causas responsáveis por tanta negligência e desvio: a ganância do mercado. “Intimamente unida à política, a economia globalizada tem sido um verdadeiro suplício para a maioria da população brasileira, uma vez que dá



CNBB

primazia ao mercado, em detrimento da pessoa humana e ao capital em detrimento do trabalho, quando deveria ser o contrário. Essa economia mata e revela que a raiz da crise é antropológica, por negar a primazia do ser humano sobre o capital (cf. Evangelii Gaudium, 53-57).”

Com o objetivo não só de denunciar, mas também de anunciar, os bispos afirmam que só será possível um novo projeto para o Brasil, se suas bases forem fundadas na solidariedade fraterna. “Não há futuro para uma sociedade na qual se dissolve a verdadeira fraternidade. Por isso, urge a construção de um

projeto viável de nação justa, solidária e fraterna. É necessário procurar uma saída para a sufocante disputa entre a tese neoliberal e a neoestatista (...). A mera atualização de velhas categorias de pensamentos, ou o recurso a sofisticadas técnicas de decisões coletivas, não é suficiente. É necessário buscar caminhos novos inspirados na mensagem de Cristo’ (Papa Francisco – Sessão Plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais – 24 de abril de 2017).”

A Conferência destaca ainda o importante papel do povo e se coloca a disposição para o debate e a busca de soluções. “O povo brasileiro tem cora-

gem, fé e esperança. Está em suas mãos defender a dignidade e a liberdade, promover uma cultura de paz para todos, lutar pela justiça e pela causa dos oprimidos e fazer do Brasil uma nação respeitada. A CNBB está sempre à disposição para colaborar na busca de soluções para o grave momento que vivemos e conchama os católicos e as pessoas de boa vontade a participarem, consciente e ativamente, na construção do Brasil que queremos.”

Leia a íntegra da nota no site da Arquidiocese de Mariana: www.arqmariana.com.br

Papa Francisco e Donald Trump se encontrarão em maio

O Papa Francisco receberá em audiência o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no dia 24 de maio, no Palácio Apostólico, no Vaticano. A data do encontro entre os dois líderes foi confirmada pela Sala de Imprensa da Santa Sé.

Após o encontro com o Pontífice, o Trump manterá um colóquio com o Cardeal Secretário de Estado Pietro Parolin, acompanhado pelo Secretário para as Relações com os Estados, Arcebispo Paul Gallagher.

Trump será recebido pelo Papa

dois dias antes da reunião de cúpula que reunirá, em Taormina (Sicília), os Chefes de Estado e de Governo do Grupo dos sete países mais industrializados do mundo (G7).

Durante a viagem de retorno a Roma, vindo do Egito, em 29 de abril passado, Francisco havia reafirmado sua disponibilidade em encontrar o presidente estadunidense. “O pedido oficial ainda não chegou à Secretaria de Estado, mas eu recebo todo Chefe de Estado que o pedir”, afirmou o Papa na ocasião.



Mensagem da CNBB aos trabalhadores/as do Brasil

“Meu Pai trabalha sempre, portanto também eu trabalho” (Jo 5,17)

O cardeal Sergio da Rocha, presidente da CNBB, apresentou, durante a Assembleia Geral da Conferência uma “Mensagem aos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil”. Segundo o cardeal, a mensagem quer demonstrar toda a preocupação da Igreja Católica no Brasil com a lógica perversa do mercado e com o momento delicado enfrentado por tantos pais e mães de família. “O trabalhador não é mercadoria, por isso, não pode ser coisificado. Ele é

sujeito e tem direito à justa remuneração, que não se mede apenas pelo custo da força de trabalho, mas também pelo direito à qualidade de vida digna”, diz a mensagem.

“Nós, Bispos do Brasil, reunidos aqui em Aparecida, na Assembleia Geral da CNBB, estamos acompanhando com especial atenção e grande preocupação a crise política, econômica e ética que tanto sofrimento tem causado ao povo brasileiro, às nossas famílias, especialmente aos mais pobres”, disse dom Sérgio ao apresentar a mensagem.

No texto, assinado também pelo

vice-presidente e pelo secretário-geral da CNBB, dom Murilo Krieger e dom Leonardo Steiner, a CNBB demonstra sua aflição em relação às reformas implementadas pelo Governo Federal. “Irmãos e irmãs, trabalhadores e trabalhadoras, diante da precarização, flexibilização das leis do trabalho e demais perdas oriundas das ‘reformas’, nossa palavra é de esperança e de fé: nenhum trabalhador sem direitos! Juntamente com a Terra e o Teto, o Trabalho é um direito sagrado, pelo qual vale a pena lutar” (Cf. Papa Francisco, Discurso aos Movimentos Populares, 9/07/15).”



ROSANE NANI

PAE 2016-2020: do papel para a prática

BRUNA SUDÁRIO



A dimensão comunitária é uma realidade intrínseca ao ser da Igreja. Desde o começo, Jesus quis a sua Igreja uma Igreja-Comunhão, onde a unidade de seus discípulos seja a principal forma de anunciar o Reino de Deus, e provocar a conversão: “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo. 17, 21). Os primeiros cristãos compreenderam bem o apelo de Jesus e procuravam viver em Comunidade: “Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum” (At. 2,4). As comunidades são, portanto, células vivas da Igreja, onde os fiéis se conhecem, vivem como irmãos, reúnem para rezar, celebrar, partilhar e buscar conjuntamente a solução para os problemas enfrentados. É, ainda, o lugar privilegiado do encontro pessoal com Cristo, lugar da formação do discípulo missionário e plataforma de lançamento para a missão.

Renovação Paroquial

É verdade que a Igreja se organiza na estrutura paroquial. Muitos julgam a Paróquia arcaica, ultrapassada e que não dá mais conta de evangelizar, principalmente nos meios urbanos; e não atende mais às necessidades dos fiéis. Outros afirmam que a Paróquia é quem promove a unidade das comunidades e sua ligação com a Igreja, fazendo-se, portanto, necessária. O documento de Aparecida diz ser a paróquia espaço importante de comunhão eclesial, mas reconhece que há “estruturas ultrapassadas, que não favorecem a transmissão da fé e devem ser abandonadas, em vista da renovação missionária” (DAP. 365). Daí a grande insistência da Igreja, em seus últimos documentos, de que a Paróquia seja uma rede de comunidades; mais ainda, que seja uma “Comunidade de comunidades”.

A renovação das estruturas paroquiais torna-se urgente, se quisermos, de fato, a implementação do Projeto Arquidiocesano de Evangelização. Usando uma expressão atual da Igreja, podemos falar de uma conversão pastoral da Paróquia. A Igreja-Comunhão, onde a unidade de seus discípulos seja a principal forma de anunciar o Reino de Deus, e provocar a conversão: “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo. 17, 21). Os primeiros cristãos compreenderam bem o apelo de Jesus e procuravam viver em Comunidade: “Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum” (At. 2,4). As comunidades são, portanto, células vivas da Igreja, onde os fiéis se conhecem, vivem como irmãos, reúnem para rezar, celebrar, partilhar e buscar conjuntamente a solução para os problemas enfrentados. É, ainda, o lugar privilegiado do encontro pessoal com Cristo, lugar da formação do discípulo missionário e plataforma de lançamento para a missão.

A renovação das estruturas paroquiais torna-se urgente, se quisermos, de fato, a

implementação do Projeto Arquidiocesano de Evangelização. Usando uma expressão atual da Igreja, podemos falar de uma conversão pastoral da Paróquia. A Igreja-Comunhão, onde a unidade de seus discípulos seja a principal forma de anunciar o Reino de Deus, e provocar a conversão: “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo. 17, 21). Os primeiros cristãos compreenderam bem o apelo de Jesus e procuravam viver em Comunidade: “Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum” (At. 2,4). As comunidades são, portanto, células vivas da Igreja, onde os fiéis se conhecem, vivem como irmãos, reúnem para rezar, celebrar, partilhar e buscar conjuntamente a solução para os problemas enfrentados. É, ainda, o lugar privilegiado do encontro pessoal com Cristo, lugar da formação do discípulo missionário e plataforma de lançamento para a missão.

Neste processo de renovação paroquial, há aspectos importantes, que precisam ser preservados, como a administração e a representação. Outros aspectos precisam ser reequacionados, como a formação. Outros, ainda, recuperados, porque ficaram perdidos ao longo dos anos, como a evangelização e o discipulado. “Essa transformação é um processo lento e complexo, pois supõe mudança em quase todas as frentes da ação pastoral e da própria Igreja. Isso exige muita paciência e uma grande dose de coragem, porque é preciso romper com muitos esquemas e tradições, arraigados na consciência católica desde sempre”. (Torres-Londoño - Igreja e comunidade no Brasil, p. 250).

Renovação Comunitária

A conversão pastoral é um processo que se inicia dentro de cada um de nós, de cada agente de pastoral, de cada líder ou coordenador de comunidade. Muitas vezes, reproduzimos na comunidade uma estrutura que precisa ser transformada: muitas se fazem dependentes da paróquia; há líderes e coordenadores que nada fazem, sem primeiro pedir a aprovação do pároco; há líderes centralizadores, como se fossem, na comunidade, um clérigo ou um representante do pároco. Torna-se importante trabalhar a conversão pastoral, a descentralização e a autonomia das comunidades, no campo

da evangelização e da pastoral. É necessário que a Comunidade aprenda a caminhar com seus próprios pés, sem perder a unidade paroquial.

As estruturas são importantes, necessárias, mas não podem impedir uma evangelização que responda às necessidades de nosso tempo. Não podem impedir de ser uma Igreja-Comunhão. A estrutura da comunidade não pode reproduzir a paroquial. Comunidade é diferente. Normalmente, a paróquia é uma massa de fiéis, muitas vezes no anonimato, sem relações pessoais entre si. À Paróquia, os fiéis vão, muitas vezes, para cumprir suas obrigações ou suprir suas necessidades; muitas continuam sendo ainda uma freguesia, onde se vende, compra-se e paga-se por tudo. As características da Comunidade são as relações diretas, a amizade, a convivência quase diária entre os seus integrantes. Lá todos se conhecem e ninguém pode fugir dos compromissos, refugiando-se no anonimato.

O que fazer?

A Comunidade é o lugar privilegiado da evangelização e da missão. Lá é que deve chegar o Projeto Arquidiocesano de Evangelização, ser estudado, lido e relido, refletido e colocado em prática. Para isso, fazem-se necessários instrumentos para que todos tenham acesso a ele. Uma das propostas do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) é que cada líder de pastoral,

coordenador de movimento, coordenador de Comunidade tenha um exemplar do Projeto, para que o estude e conheça, incentivando a sua implementação, na Comunidade.

Outras sugestões:

- Programe, cada Paróquia, um dia específico para o Lançamento do PAE.

- Haja também, na Comunidade, um dia especial para que seja apresentado a todos. O que não pode faltar é motivação, principalmente por parte dos párocos e dos agentes paroquiais.

- Reunir o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) ou o Conselho Comunitário de Pastoral (CCP) e destacar as propostas de ação que são possíveis para a nossa paróquia ou comunidade.

- Antes de iniciar o planejamento das ações, é necessário definir qual é o objetivo deste planejamento. Para se definir bem um objetivo, é preciso saber onde queremos chegar (objetivo geral) e como o planejamento pode nos ajudar a chegar onde queremos (objetivos específicos).

- É necessário definir ainda qual será o período das atividades que serão planejadas, que, neste caso, é o mesmo do PAE 2016-2020.

- Após definir o objetivo e prazo do planejamento, é momento de elaborar o plano de ações para a nossa paróquia ou comunidade.

“Precisamos agora trabalhar para que as propostas deste documento se tornem realidade em nossas comunidades, pastorais, movimentos e organizações” (PAE – Anexo).

Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. Sua comunidade tem o costume de planejar suas ações? Como?
2. Como sua Comunidade tem acolhido o PAE?
3. Existe o mímico de organização (como os Conselhos) em sua comunidade, para que o Projeto de Evangelização possa ser nela implementado? O que falta?



Vamos celebrar!

14 de maio 5º Domingo da Páscoa

A **Liturgia da Palavra** nos ensina que o jeito de ser de Jesus nos revela o rosto do Pai, que nos ama e quer realizar conosco uma aliança de amor e fidelidade. Ele é o caminho, a verdade e a vida e, por meio do seu Espírito, compreendemos o que devemos fazer como discípulos, para sermos fiéis ao seu projeto de vida abundante para todos.

O **mistério celebrado** nos insere na manifestação de Jesus ressuscitado como caminho, verdade e vida, pelo qual chegamos ao Pai. Que, nesta celebração, Ele nos ajude a aderir à sua proposta, para que, unidos a Ele na vivência do amor, cheios da fortaleza e da alegria de seu Espírito, vencemos as barreiras, preconceitos, discriminações e interesses pessoais.

A **celebração**: 1. Preparar o espaço celebrativo com um quadro ou ícone, com a face do Senhor, junto ao círio. 2. Antes da procissão de entrada, com o refrão meditativo, entrar com o círio aceso e um cartaz com a frase: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”. Antes de colocar o círio no suporte, levá-lo e proclamar: “*Bendito seja Senhor, Deus da vida, pela ressurreição de Jesus Cristo e por esta luz, presença do Seu imenso amor por nós*”. Iniciar a celebração incensando o círio, o ícone e a comunidade reunida, símbolos da presença do Senhor ressuscitado. 3. Valorizar as mães, neste dia dedicado a elas, na procissão de entrada. 4. A saudação inicial poderia ser inspirada na 2ª leitura. 5. Solenizar com uma dança litúrgica, a entrada da Palavra, acompanhada de velas e flores. 6. O Evangelho poderá ser cantado, ou re-

petindo, com a assembleia, as frases principais, depois da proclamação. 7. Quem preside ajude a comunidade a assumir um compromisso de amor e de solidariedade. Terminar a homilia com o refrão ou parte da música: “*Vós sois o caminho, a verdade e a vida, o pão da alegria, descido do céu*”. 8. Na profissão de fé, esse compromisso poderia ser expresso, seguido da aspersão com água batismal. 9. Valorizar as mães no momento das preces da comunidade. 10. Dar destaque a toda liturgia eucarística, sobretudo à oração Eucarística como louvor e ação de graças que a comunidade dá por Cristo, com Cristo e em Cristo ao Pai, animada pelo Espírito Santo. Cantar o prefácio, O Santo, as aclamações e o amém. 11. Bênção especial para as mães presentes e fazer uma homenagem carinhosa a elas. 12. Por ser mês de maio, cantar um hino mariano no final da celebração, ou fazer uma bonita coroação à virgem Maria. 13. Bênção final própria para o tempo Pascal, conforme Missal Romano, p. 523.

21 de maio 6º Domingo da Páscoa

Na **Liturgia da Palavra** o Senhor nos promete o seu Espírito, que socorre nossa fraqueza e nos revela a alegria de sua ressurreição, enviando-nos para missão de anunciar essa Boa Notícia por onde andamos. É preciso, porém, estarmos prontos para dar a razão de nossa fé, enfrentando corajosamente, os novos desafios que a realidade nos apresenta.

O **mistério celebrado** nos insere na Páscoa de Jesus, que se manifesta em todas as pessoas e comunidades que se deixam educar e conduzir pelo Espírito da verdade, continuando

na missão de Jesus no mundo de hoje. Que a celebração ajude-nos a viver o mandamento do amor, que nos confere a identidade de seguidores/as de Jesus.

A **celebração**: 1. Preparar o espaço celebrativo destacando sempre o Círio, a Água Batismal, a mesa da Palavra e da Eucaristia. 2. Após breve ensaio de canto, o refrão meditativo e um breve silêncio, ajude a assembleia a fazer uma oração pessoal. 3. Confeccionar dois cartazes e trazer, na procissão de entrada. Um com os dez mandamentos e o outro com a frase: “*Amar como Jesus amou*”. 4. Hoje é dia do Congregado Mariano. Onde houver este movimento, convidar seus membros para participarem da procissão de entrada. 5. Acender solenemente o Círio Pascal e incensá-lo, assim como a Água Batismal, a Bíblia, o altar e as pessoas presentes. 6. Após o sentido litúrgico, pedir alguém para dar um breve testemunho, explicando porque se tornou católico (não deve ultrapassar 4 minutos). 7. O canto do Salmo poderá ser acompanhado de uma dança litúrgica. 8. Dar maior destaque à proclamação do Evangelho, que poderá ser cantada. 9. A profissão de fé poderá ser cantada, pedindo a assembleia para colocar a mão no peito, ou erguê-la em direção ao círio Pascal. 10. Valorizar, neste domingo, o momento das preces. Diante da promessa do espírito, é importante que a comunidade intensifique sua oração e seu pedido. A assembleia pode participar, apresentando seus pedidos. Pode acompanhar os pedidos com a colocação de grãos de incenso no incensório, ou cantar as respostas às preces. 11. Valorizar o abraço da paz como expressão de comunhão e amor frater-

nos entre as pessoas presentes. 12. Por ser mês de maio, cantar um hino mariano no final da celebração, ou fazer uma bonita coroação à virgem Maria. 13. Incentivar a comunidade para participar da Novena de Pentecostes pela Unidade dos Cristãos, usando o material da arquidiocese. Falar sobre a programação paroquial, frisar data e local. 14. Bênção final própria para o tempo Pascal, conforme Missal Romano, p. 523.

28 de maio Solenidade da Ascensão do Senhor

Na **Liturgia da Palavra** deste domingo, fazemos memória da ascensão, a subida do Senhor aos céus, vivendo o sentido mais profundo de sua ressurreição e da missão. O “*Ide e fazei discípulos*” indica que a missão não tem fronteiras. Deus quer que a comunhão com Ele se estenda a todos os seres humanos. Esta missão, porém, não se reduz ao anúncio. É preciso testemunhar o que se prega.

O **mistério Celebrado** nos insere na divina elevação de todo o universo com Jesus. Suplicamos e aguardamos a força do alto, conforme a promessa de Jesus, trazendo a certeza de que, se participarmos de sua morte pelo Batismo, com Ele seremos elevados e introduzidos na intimidade plena e definitiva de Deus. Pois, quem à sua proposta adere, participa da unidade visível dos discípulos e trabalha para que o mundo creia.

A **celebração**: 1. Preparar o local do Círio Pascal, junto à Fonte Batismal, enfeitando-os. Por ser a “Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos”, também a mesa da Palavra poderá ser enfeitada com uma colcha de retalhos ou fitas coloridas. Em

cada retalho ou fita, colocar a letra inicial das Igrejas Cristãs presentes na localidade. 2. O Círio Pascal, poderá vir à frente da procissão de entrada, substituindo a cruz e as velas, na chegada enquanto a assembleia entoia um refrão apropriado, conforme os domingos anteriores. Incensá-lo, a assembleia poderá ser também incensada. 3. Onde existe o grupo da IAM (Infância e Adolescência Missionária) entrar com a bandeira da IAM ou, cinco pessoas do COMIPA (conselho missionário paroquial), trazendo velas nas cores dos continentes e um cartaz com a frase: “*Ide fazei discípulos meus todos os povos, batizando em nome do Pai do filho e do Espírito Santo*”. Hoje se comemora o dia mundial das comunicações sociais. Convidar também alguns membros da PASCOP (pastoral da comunicação) para participarem da procissão de entrada. 4. Valorizar

riano da comunidade, para participar trazendo os dons da Eucaristia, a toalha, flores e preparar o altar. O prefácio poderá ser cantado. 9. O Pai-Nosso é a oração de todos os cristãos, rezá-lo ou cantar, de mãos dadas, fazer uma introdução dizendo do nosso desejo de comunhão com todas as Igrejas Cristãs. 10. Continuar incentivando a comunidade para participar da Novena de Pentecostes pela Unidade dos Cristãos. 11. Por ser mês de maio, cantar um hino mariano no final da celebração, ou fazer uma bonita coroação à virgem Maria. 12. Muitas comunidades celebram a festa de Pentecostes começando com uma bonita vigília, que retoma a vigília da Páscoa e dá ao Pentecostes a densidade do último dia da festa pascal. Deve-se avisar no final das celebrações o horário e o local. Há uma sugestão de roteiro desta Vigília no Ofício Divino das Comunidades (ODC), p. 588. 13. Bênção final própria para Ascensão do Senhor, conforme Missal Romano, p. 523.



4 de junho Solenidade de Pentecostes

Pentecostes para o povo do Antigo Testamento era inicialmente uma festa ligada às colheitas e mais tarde a celebração da aliança feita no Sinai, que acontecia cinquenta dias depois da Páscoa. Para nós, é a festa do derramamento do Espírito Santo sobre a comunidade reunida. Pentecostes é a festa da plenitude da Páscoa. A Igreja deve acolher continuamente o Dom do Espírito Santo no momento atual e torná-lo presente através de sua ação.

todas as respostas da assembleia, quando diz; “*Ele está no meio de nós!*” Todos respondem, dando-se as mãos e elevando-as, enquanto quem preside, ou outro ministro/a, ergue o Círio Pascal. 5. A 1ª leitura poderá ser contada ou dialogada com muita expressão. 6. Cantar o salmo, se possível acompanhado por uma dança litúrgica. 7. A proclamação do Evangelho deverá ser vibrante. 8. Na procissão das oferendas, convidar os membros de algum movimento ma-

colheitas e mais tarde a celebração da aliança feita no Sinai, que acontecia cinquenta dias depois da Páscoa. Para nós, é a festa do derramamento do Espírito Santo sobre a comunidade reunida. Pentecostes é a festa da plenitude da Páscoa. A Igreja deve acolher continuamente o Dom do Espírito Santo no momento atual e torná-lo presente através de sua ação.

A **Liturgia da Palavra** recorda o dia em que o Mistério Pascal atingiu a sua plena realização, no

Dom do Espírito Santo derramado sobre a Igreja. O espírito profético de Jesus torna-se o grande Dom da Igreja, tornando-a comunidade da proclamação e do testemunho.

O **mistério celebrado** nos ajuda bendizer o Pai, porque o Espírito Santo abriu e revelou a todos os povos, as raças e nações o Mistério que estava escondido desde sempre e reuniu a todos/as na alegria da Libertação. Somos hoje revestidos da força deste Espírito para sermos testemunhas alegres e corajosas do Cristo Ressuscitado. Há muitos sinais de sua ação, renovando a face da terra.

A **celebração**: 1. Fazer uma acolhida calorosa, distribuir pequenas flâmulas, em forma de línguas de fogo, escritos nas cores do Espírito Santo. 2. O vermelho é a cor litúrgica desta festa. Preparar o local da celebração destacando o Círio Pascal, a Fonte Batismal. Preparar em frente à mesa da Palavra, uma Menorá (candelabro de 7 braços), para colocar as velas que serão trazidas na procissão de entrada. 3. Procissão de entrada trazendo, além da cruz, o lecionário, sete velas grandes, acesas. Onde for costume, trazer também a bandeira do divino, acompanhada das pessoas que exercem algum ministério na comunidade, lembrando que na plenitude da Páscoa, nós recebemos a missão de testemunhar a ressurreição. 4. Fazer, com especial atenção, os ritos iniciais, como momento de constituir, com a diversidade de pessoas presentes, um único Corpo, cuja cabeça é Cristo. 5. Realizar o Rito da Aspersão no lugar do Ato Penitencial. 6. A 1ª leitura poderá ser contada com muita expressão, se possível, de cor. 7. Durante o canto do Salmo, um grupo de jovens, ou crianças com vestes coloridas e sua tocha ou vela grande na mão faz uma dança litúrgica, envolvendo a assembleia, com a luz e o calor do Espírito

Santo. 8. Durante o canto da “Sequência” a assembleia acende suas velas no Círio Pascal, ou nas 7 velas da Menorá, permanecendo com elas acesas até o final do Evangelho. 9. Após a proclamação do Evangelho, quem preside repete, para as lideranças das comunidades presentes, a frase: “*a paz esteja com vocês. Como o Pai me enviou assim também eu envio vocês. Recebam o Espírito Santo!*”. Esta mesma frase é dita também para toda a assembleia e, depois cada pessoa repete-a para quem estiver perto, dando-lhe um abraço fraterno. 10. No momento da profissão de fé, todas as pessoas que exercem algum serviço na comunidade poderiam se aproximar do Círio Pascal, junto à Fonte Batismal, e renovar sua consagração ao serviço da comunidade, cantando; “*Vem, Espírito Santo, vem, vem iluminar*”. 11. Dar um destaque à Liturgia Eucarística, na qual o Corpo Vivo do Ressuscitado, animado pelo Espírito santo, se manifesta na sua plena expressão. 12. No final, da **celebração apagar solenemente o Círio Pascal, indicando o encerramento do Tempo Pascal**. Terminando o tempo de Mistagogia, poderia abençoar os adultos que foram batizados, fizeram a primeira eucaristia e foram crismados na vigília Pascal. Também apresentar os jovens que serão crismados este ano. 13. Terminar a celebração com um ágape (partilha de alimentos), ou então providenciar um pão, ou mais, de acordo com o tamanho da assembleia, ele pode ser trazido na procissão das oferendas e partilha-lo no final da celebração. 14. Bênção final própria para Pentecostes, conforme Missal Romano, p. 524.

.....
Padre Luiz Cláudio Vieira
Paróquia do Bom Pastor, Barbacena, MG

Espiritualidade e família

“*Abençoe Senhor as famílias, amém; Abençoe Senhor a minha também!*” Essa é, sem dúvida, a canção mais escolhida para ser entoada quando o tema é família. Não percamos a esperança, a família é projeto de Deus e esse projeto não é falido! Viver em família e formar um lar que seja um referencial numa sociedade tão caótica e conturbada na qual vivemos hoje, é mais que um desafio e precisa ser assumido por todos nós como um compromisso de amor; em resposta ao amor verdadeiro, bem maior, que é Deus, como nos fala João, em uma de suas cartas.

Precisamos insistir e escolher andar na contramão dos valores deste mundo! Ensinar

as crianças desde cedo a gentileza, a tolerância, o respeito, entender que não podemos ter todas as coisas que queremos e que ser é mais importante que ter. Precisam também aprender a esperar e entender que família é nosso bem maior e que sem Deus nossa vida é vazia. O Salmo de Deus e esse projeto não é falido! Viver em família e formar um lar que seja um referencial numa sociedade tão caótica e conturbada na qual vivemos hoje, é mais que um desafio e precisa ser assumido por todos nós como um compromisso de amor; em resposta ao amor verdadeiro, bem maior, que é Deus, como nos fala João, em uma de suas cartas.

A Igreja, inspirada na Sagrada Escritura, e conhecedora da realidade social e pessoal, sempre teve a família em grande consideração. Temáticas como a conju-

galidade, a paternidade, a educação humana e a transmissão da fé, entre outras, ocuparam e ocupam grande parte das suas preocupações. “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”, Gênesis 2, 24.

Consciente da importância da família e das novas realidades em que se move, o papa Francisco convocou dois sínodos para tratar sobre o tema: um ocorreu em 2014, e o outro como, segunda etapa ocorreu em outubro de 2015. E, para que possamos refletir sobre família, foi escolhido pela ONU um dia, denominado Dia Internacional da Família, que é celebrado anualmente no dia 15 de maio. Esta celebração do Dia Internacional da Família visa, entre outros objetivos: destacar a importância da família na estrutura do núcleo familiar e o seu relevo na base da educação infantil; reforçar a mensagem

de união, amor, respeito e compreensão necessárias para o bom relacionamento de todos os elementos que compõem a família; chamar a atenção da população para a importância da família como núcleo vital da sociedade e para seus direitos e responsabilidades; sensibilizar e promover o conhecimento relacionado com as questões sociais, econômicas e demográficas que afetam a família.

Diante de tantas iniciativas em prol da família cabe a nós pensar e responder: quais legados queremos deixar para as famílias? Como temos vivenciado a experiência familiar? Com certeza, se cultivarmos uma vida de relacionamento com Deus, certamente as coisas vão acontecer de uma forma bem melhor! Amém!

.....
Vera Maria Moraes Fontes
Paróquia de N. Sra da Assunção
Barbacena/MG

As formas e as cores da evangelização

Recortes que vão ganhando forma, cor e vida. Assim nascem os mosaicos nas igrejas e capelas. Uma arte usada há milhares de anos e que também está presente na Arquidiocese de Mariana.

Diferente da arte bizantina, que provoca algumas distorções nas imagens e trabalha com figuras geométricas, o mosaico clássico mantém as formas mais próximas da original. “O mosaico é uma arte bem detalhada e tem várias etapas. Temos o preparo do azulejo, o preparo da superfície, depois vamos criar o desenho, a seleção das cores e depois montar os mosaicos”, explica o artista Adenilson Abranches Monteiro, responsável pelo mosaico produzido na Igreja de Fátima, em Viçosa.

Mosaicos de Fátima

Quem passa pela rua da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima já consegue avistar a beleza da imagem. Com seus 12 m de altura, a obra chama atenção pela riqueza dos detalhes. Desenvolvido por Adenilson, o mosaico na torre da igreja, em Viçosa, foi confeccionado em seis meses.

“A ideia deste mosaico nasceu de minhas orações com Nossa Senhora no período em que eu fazia o meu doutorado e passava por algumas dificuldades. Na época, o padre Wander Torres, que era o pároco, disse que a igreja precisava de um pouco de arte e foi aí que eu comecei a pensar neste trabalho”, lembra Adenilson. Segundo ele, o pároco atual, cónego Lauro Versiane, foi um grande incentivador do trabalho. “Ele nos apoiou para que pudéssemos realizar e colocar esse mosaico na igreja de Fátima”, contou.

Durante a criação, o artista pensou em várias possibilidades. “No princípio, eu tive várias ideias, ainda mais tendo uma torre tão grande para desenvolver o trabalho. Primeiro, eu pensei que

o foco seria Nossa Senhora, mas a minha experiência com Maria, principalmente com Nossa Senhora de Fátima, foi muito calorosa e agradável. E foi aí que eu percebi que, antes de falar da Mãe, era preciso falar dos mistérios que são o Pai e o Filho”, afirmou Adenilson.

Ele percebeu que era preciso mostrar a presença da Santíssima Trindade junto a Nossa Senhora. “Na posição intermediária o foco será Nossa Senhora, a Virgem coroada, para mostrar que Ela é a rainha da nossa Igreja e de nossa vida, mas na posição superior, o foco será a Trindade Santa. Na parte de baixo, terá uma árvore e os pastores. E a obra se encerra com as ovelhas e o jardim”, ressaltou.

Ele iniciou o mosaico de cima para baixo, para remeter ao milagre da última aparição de Nossa Senhora, no dia 13 de outubro de 1917.

O altar

No ano em que celebra os 100 anos das aparições de Fátima, a igreja de Nossa Senhora, em Viçosa, está ganhando o seu segundo mosaico. Há oito meses, Adenilson está trabalhando nesta obra. A previsão é que ela seja finalizada em junho. “No mosaico do altar, temos Jesus Ressuscitado. É muito comum, nas igrejas, ter o crucifixo no centro do altar, mas a novidade deste mosaico é que nós estamos dando foco ao Jesus ressuscitado, em um Cristo vivo, que vem animar toda a comunidade. Mas isso não tira o valor do Cristo Crucificado”, explica.

Assim como na igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Viçosa, outras igrejas da arquidiocese possuem mosaicos que representam a arte e fé do povo, como a igreja de Nossa Senhora Aparecida, em Mariana, e a de São João Batista, também em Viçosa.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

